

**NOVAS IDENTIDADES SOB VELHOS OLHARES:
RECONSTRUINDO A HISTÓRIA EM *O VENDEDOR DE PASSADOS*,
DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

Denise Aparecida do Nascimento*

Recebido em 16/08/2018; aceito em 08/10/2018.

Resumo: Este artigo pretende apontar como a constituição da identidade angolana é alegoricamente representada no romance *O Vendedor de Passados*, do escritor José Eduardo Agualusa. Com forte inclinação ao humor, mas sem fugir da seriedade histórica, o escritor cria uma narrativa calcada na história de Angola e desvela algumas consequências do difícil período colonial e da guerra civil no país, Agualusa observa ainda a predominância cultural, econômica e política portuguesa em conflito com as tradições da terra angolana.

Palavras-chave: Memória; Angola; Cultura.

Introdução

A memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social. (HUYSSSEN, 2000).

O presente é construído na destruição e reconstituição da tradição. (BENJAMIN, 1987).

A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui. (COMPAGNON, 2003).

Da segunda metade do século XX em diante, com a modernização das cidades, cujos valores socioculturais encontram-se em permanente estado de transição, o indivíduo passa a enfrentar outro problema proporcionado por esse meio moderno: a constante sensação de vazio, de não pertencimento e de não identificação com o lugar em que se encontra. Diante dessa realidade desconfortante, reconhecer o que há de insólito se torna o grande desafio e a grande angústia da contemporaneidade.

A concepção de uma identidade coletiva, fixa em valores referenciais de pertencimento, há muito entrou em crise. A ideia de indivíduo pleno e centrado perdeu a consistência diante de uma sociedade em constante transformação, bem como expõe Stuart Hall: “Em essência [...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir

* Doutora em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); email: denablue@terra.com

novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno...” (HALL, 2001, p. 7). Nesse contexto, busca-se respaldo nas memórias, pois nelas estão não só os fatos passados que superaram as barreiras do tempo, como também a possibilidade de retorno àquilo que se define ou se identifica como origem ou raiz.

O sentido primeiro que a palavra memória sugere é a presença constante do passado. Na perspectiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), memória é um “fenômeno social”; seus apontamentos consistem na afirmação de que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos e paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A história de uma sociedade se faz e refaz em um processo contínuo que permite a compreensão do passado e possibilita novas percepções para o presente e o futuro.

Para o crítico literário Andréas Huyssen, os discursos da memória surgiram essencialmente no Ocidente, nos anos de 1980, intensificado em 1983 com discursos e eventos que “comemoravam” o cinquentenário do prenúncio da Segunda Guerra mundial e a ascensão de Hitler em 1933 (HUYSSSEN, 2000). O autor ainda salienta que a partir da década de 1990 notícias de massacres genocidas advindas de Kosovo, Bósnia e Ruanda aproximava tais relatos àqueles relacionados ao Holocausto nazista. O uso exarcebado do termo gerou uma espécie de “lugar-comum” e o significado de *holocausto* foi perdendo sua significação, chegando ao risco de ser esvaziado do sentido original, já que alguns eventos historicamente muito diferentes são a ele associados conforme as palavras de Huyssen:

É precisamente a emergência do Holocausto como uma figura de linguagem universal que permite à memória do Holocausto começar a entender situações locais específicas, historicamente distante e politicamente distintas do evento original. No movimento transnacional dos discursos de memória, o Holocausto perde sua qualidade de índice de evento histórico específico e começa a funcionar como uma metáfora para outras histórias e memórias. (HUYSSSEN, 2001, p. 12).

A compreensão da História Ocidental como a grande narrativa que fundamenta verdades absolutas, – que subordina e organiza as “outras” histórias –, há muito caiu por terra. Com o intuito de evitar novas construções historiográficas calcificantes, é que a noção de História sofre movimentos constantes, não que tenha se tornado obsoleta, mas ressignificada ou conforme Linda Hutcheon (1991) “[...], ela está sendo repensada – como uma criação humana”. Questionar o significado do termo História diante da efemeridade dos fatos observados a partir dos efeitos da

sociedade globalizada – mediada pela cultura do consumo e da velocidade de disseminação das informações – tornou-se exercício imprescindível aos historiadores e pensadores. Atenta-se ainda para as mudanças das estruturas sociais – o deslocamento do poder político, quando vozes marginalizadas romperam as barreiras impostas e se rebelaram, ou sujeitos invisibilizados socialmente que se tornaram ativos – nada mais é estático, único e absoluto.

Em *Sobre o conceito de História* (1987), Walter Benjamin salienta que a História a ser desvelada é a dos vencidos, a das vozes caladas e soterradas em meio aos escombros do passado violento e opressor, conforme na citação seguinte:

Nunca houve um momento da cultura que não fosse também, um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1994, p. 225).

Na perspectiva do pensador “escovar a contrapelo” é dar à história outra interpretação. Trata-se de rever a história por outros ângulos e trazer à tona a história das pessoas comuns, pequenas e vencidas. Para Benjamin, “destruição” significa exterminar algo que é falso ou enganoso, mas não pelo simples fim, ao contrário, é a partir da ruína, é recolhendo os “cacos” que o novo se faz; é no movimento de “destruição-restauração-reprodução” que se dá a redenção do presente.

Compactua com esse pensamento o sociólogo Zigmunt Bauman. Para ele, toda História Oficial está atrelada a um conjunto de verdades que “pertencem à retórica do poder” (BAUMAN, 1998, p. 143). Essas verdades são produções que visam justificar e preservar as desigualdades ou implantar e a reafirmar as relações de dominação e submissão entre os detentores dessas produções.

Narrativas ficcionais recriadas e iluminadas por um fundo histórico é um artifício literário usado para explicar ou compreender eventos do passado que devem redimensionar e reorganizar informações que farão a diferença na vida presente dos leitores. Nesse caso, autores recorrem à alegoria, figura de linguagem que funciona como ferramenta de auxílio para uma leitura intertextual, que permite identificar um sentido mais profundo, – e para o efeito do texto aqui apresentado, mais literário – sobre o passado de Angola, revisitado pelo escritor José Eduardo Agualusa.

O autor angolano apropria-se literariamente da História para retratar a Angola atual. O livro foi publicado em 2004 e pode ser lido como uma grande sátira político-social do país, a narrativa apresenta questões tais como: verdades, mentiras, ficção e realidade, todas agindo sobre os

personagens principais, apontando a maneira como o passado constrói o presente, como o presente modifica o passado e como ambos, interligados, projetam um futuro promissor a essas personagens.

De acordo com Compagnon, o conceito de "literário" traz em sua definição a ideia de que para ser realmente "literária" a obra deverá desempenhar algumas funções, dentre elas “a possibilidade de autoconhecimento, sair do individualismo e atravessar o outro e ser uma fortaleza contra a barbárie” (COMPAGNON, 2003, p.36). Recuperando a citação de Compagnon, na epígrafe, pode-se dizer que a literatura livra os sujeitos das forças da alienação e/ou da opressão, além disso, ocupa a história e desocupa os lugares fixos, a cristalização do lugar comum, a fossilização dos sentidos, na medida em que cria novas significâncias no interior das culturas.

Construindo histórias: uma alegoria

O escritor imaginativo tem, entre muitas outras, a liberdade de poder escolher o seu mundo de representação, de modo que este possa coincidir com as realidades que nos são familiares, ou afastar-se delas o quanto quiser. (FREUD, 1976).

O historiador britânico Eric Hobsbawm em *A era dos extremos* (1995) aponta a natureza bélica do homem na passagem dos tempos, sempre em torno de “expedições agressivas de potências imperiais ou candidatas a imperiais contra inimigos mais fracos do ultramar [...]” (HOBSBAWM, 1995, p. 25). Entretanto, o pesquisador apresenta o século XX com um tom apocalíptico moldurado por duas grandes e marcantes guerras mundiais, sanguinárias mesmo sem explosões de bombas e canhões:

Em resumo, a catástrofe humana desencadeada pela Segunda Guerra Mundial é quase certamente a maior da história humana. O aspecto não menos importante dessa catástrofe é que a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia que não mais notamos. (HOBSBAWM, 1995, p. 47).

Observa-se que ao longo da história da humanidade, o homem deixou claro ter uma natural inclinação à agressividade e diante de “circunstâncias favoráveis” as guerras e conflitos ratificaram o potencial humano de produzir e propagar a destruição.

É no rastro da brutalidade das conquistas que se pensa no violento processo de colonização adotado por países europeus a partir do século XV e das grandes expedições. Assim com o propósito de expandirem seus territórios alcançaram as Américas, Ásia, África e Oceania.

Interessa-nos neste momento abordar o não menos violento processo de independência que assolou antigas províncias africanas, em especial Angola que, entre outras colônias portuguesas – Guiné-Bissau e Moçambique, por exemplo, – apresentou um caso diferenciado no movimento de descolonização; isso porque grupos identificados como os filhos da terra lutavam pela libertação da “umbilical dependência” portuguesa, e também entre si, por perderem posições de prestígios até então antes desfrutadas, o que garantia a manutenção da violência e da opressão sobre o povo angolano. Assim, ainda que oficialmente o país tenha se libertado de Portugal em 11 de novembro de 1975, só se viu livre da guerra civil em 2002.

A história de Angola é revisitada com certa frequência por vários escritores que se ocupam em reavaliar o passado do país com vistas de um futuro mais promissor. Entre esses escritores, José Eduardo Agualusa ganha destaque. O escritor nasceu em Huambo, Angola, em 1960. Viveu no Brasil, em Angola e atualmente vive em Portugal. Por ser filho de pai português e mãe brasileira, a pluralidade e o deslocamento compõem sua biografia, permeiam seu discurso literário e deixa transparecer a difícil tarefa de definir sua identidade e assumir sua miscigenação, conforme afirma em entrevista online à Revista Estante: “[...]. Sou um africano cidadão do mundo. África é o meu lugar de origem, a partir do qual olho o resto do mundo.” (ESTANTE, 2017, s/p.).

Desse modo, seu pseudo-estrangeirismo não só traduz um sentido de ser “um estranho no ninho” – como alguém que ocupa um espaço sem preenchê-lo de fato –, como também expõe um grande tema fundador de sua escrita, a saber: o narrar de uma nação e sua conturbada sociedade formada por sujeitos de identidades híbridas e por vezes conflitantes.

Há certa dificuldade em classificar os textos de Agualusa visto que é recorrente, em seus romances e contos, um hibridismo de gêneros literários passando por biografias, romances epistolares, romances históricos e crônicas. Conforme afirma a epígrafe que abre esta seção, o escritor tem a liberdade de criar um mundo com o qual melhor se identifica, dessa forma Agualusa insere elementos históricos – fatos e personagens – que podem ser compreendidos como uma imagem espelhada da narrativa oficial do lugar de onde fala, aqui especificamente, angolana.

Embora seus livros sejam considerados por muitos leitores como verdadeiras teses sobre Angola, o escritor não participa de nenhum projeto de reconstrução política no país, mas também não se furta em colocar seu trabalho na contramão do discurso oficial e atrair a atenção da

sociedade. Desse modo, seu fazer literário ratifica a fala de Freud transcrita na epígrafe supracitada, pois conforme suas palavras em entrevista online concedida a Pedro Durões:

Todos os romances são, de alguma maneira, romances políticos. E num país como Angola, o escritor também não se pode distanciar demasiado, também tem a responsabilidade de criar algum debate. A literatura tem de ter essa ambição, ser capaz de alterar, por pouco que seja, a sociedade. (DURÕES, 2009, s/p.)

Todo bom contista é por excelência um bom memorialista. O contador de histórias pode ter sido testemunha do fato ou ainda sobrevivido a ele. Agualusa reúne essas características ao recontar em seu romance *O vendedor de passados* partes importantes do passado angolano em uma narrativa ágil, articulando um presente fantástico a um passado histórico verdadeiro. O enredo do romance gira em torno de cinco personagens, a saber: Félix Ventura (o inventor de passados); José Buchmann (um cliente de Ventura); Ângela Lúcia (fotógrafa e amada de Félix), Edmundo Barata dos Reis (mendigo e ex-agente do Ministério) e Eulálio, a osga, citada por último, mas responsável por narrar a história. Todos guardam em comum um passado triste e incerto, que vem à tona e vai se entrelaçando de maneira surpreendente. Na verdade, são histórias individuais aparentemente separadas, que vão se entremeando para dar sentido ao que à primeira vista não tem sentido, mas fortalece a ideia de que cada um tem sua própria história, e toda história está inserida em um contexto maior.

Félix Ventura é um sujeito que vive do ofício de inventar passados nobres para uma elite emergente da Angola pós-colonial e pós-guerra. Bem sucedido na função e com uma clientela firme, a vida de Félix Ventura toma um rumo novo e inusitado quando surge um “estrangeiro” em sua porta querendo comprar um passado. O sujeito identifica-se como um fotógrafo nômade especialista em registrar imagens de guerra e sofrimentos e deseja fixar residência no país, mas gostaria de ter um passado mais nobre. O trabalho é feito: “[...] Tinha ali um bilhete de identidade, um passaporte, uma carta de condução, documentos esses em nome de José Buchmann, natural da Chibia, 52 anos, fotógrafo profissional¹”. (p. 41).

Ao criar um personagem cuja função é recriar o passado dos outros, Agualusa fornece ferramentas para pensar em Ventura como uma autorrepresentação de si: sujeito capaz de criar estórias, usando a sua imaginação construtiva, agindo em alguns casos como um

¹ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados.de passados*. Rio de Janeiro: Griphus, 2004, p. 41. Todas as demais citações do romance foram retiradas dessa edição, passando-se a indicar apenas as páginas correspondentes.

detetive/historiador atrás de fontes, interpretando e dialogando com essas fontes até dar corpo ao seu trabalho. Por esse prisma, observa-se que *O Vendedor de Passado* pode ser lido como uma recriação consciente da historiografia angolana. Na passagem a seguir, o autor se autoapresenta na voz do personagem Félix Ventura em um difícil jogo entre se revelar/esconder, entrelaçando ficção e realidade: “Acho que aquilo que faço é uma forma avançada de literatura – [...] – Também eu crio enredos, invento personagens, mas em vez de os deixar presos dentro de um livro dou-lhes vida, atiro-os para a realidade”. (p.75).

José Eduardo Agualusa utiliza-se de seu saber histórico e de seu fazer poético para criar, no romance, vidas fragmentadas e histórias individuais, mas que encaixadas umas às outras deixa transparecer, por intermédio de suas personagens, uma grande história. É como afirma J.M. Coetzee, no livro *Elizabeth Costello* (2004):

[...]. O passado é história, e o que é a história senão um relato feito de ar que contamos a nós mesmos? Mesmo assim, existe algo de miraculoso no passado que o futuro não tem. O miraculoso no passado é que conseguimos – sabe Deus como – fazer milhares e milhões de ficções individuais, ficções criadas por seres humanos individuais, tão bem entrelaçadas umas nas outras a ponto de nos dar o que parece ser um passado comum, uma história coletiva. (COETZEE, 2004, p. 45).

É também com o auxílio da leitura de *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção* (1988), de Linda Hutcheon que melhor se compreende a relação entre a história de Angola com a ficção de Agualusa. A autora afirma que, a história pode ser caracterizada como sendo o “registro da realidade do passado” (HUTCHEON, 1991, p. 69) e a literatura, por sua vez, uma manifestação artística capaz de atribuir novos significados a fatos reais. Dessa forma, ao unir os dois domínios surge a “metaficção historiográfica”, ou seja, uma narrativa ficcional permeada por fatos históricos, sem o compromisso de recontá-los, como aconteceu de fato, mas como poderiam ter acontecido, pois “na metaficção historiográfica não há nenhuma pretensão de mimese simplista”. (HUTCHEON, 1991, p. 64).

Para Hutcheon, a metaficção historiográfica é um dos reflexos da pós-modernidade, que pretende, entre outras coisas, contestar e problematizar o passado a partir de questionamentos provenientes do conhecimento histórico. Segundo a autora, a pós-modernidade pode ser caracterizada como um movimento cercado por contestações de prefixos negativos, tais como: “descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização” (HUTCHEON, 1991, p.19). Por outro lado, a teórica defende o pós-modernismo

como um fenômeno deliberadamente contraditório, “que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia” (Idem). Nesse sentido, o uso de uma linguagem que privilegia a ambiguidade, a ironia, a indeterminação e o paradoxo são constantes na escrita pós-moderna, assim como questões relacionadas à subjetividade, à individualidade dos sujeitos e aos diversos questionamentos acerca da natureza artística. E é pela perspectiva da metaficção que se pode ler *O Vendedor de Passados*: Agualusa recria o passado angolano não no sentido nostálgico, mas de um modo paródico, irônico e crítico.

Uma das críticas presentes no romance está na profissão do personagem Félix Ventura. Este inventa passados para seus clientes no intuito de individualizar e destacar a história dos fictícios antepassados destes. Esta é uma das estratégias que o autor usa para ironizar a formação da emergente burguesia angolana, somada aos outros “ricos”, mas sem possuir um passado glorioso. Destacamos a seguinte passagem para ilustrar a invenção do passado nobre do personagem Ministro da Panificação e Laticínios:

- Este é o seu avô paterno, Alexandre Torres dos Santos Correia de Sá Benevides, descendente em linha directa de Salvador Correia e Benevides, ilustre carioca que em 1648 libertou Luanda do domínio holandês...
- Salvador Correia?! O gajo que deu o nome ao liceu?
- Esse mesmo.
- Julguei que era um tuga. Algum político lá da metrópole, ou um colono qualquer, por que mudaram então o nome do liceu para Mutu Ya Kevela?
- Porque queriam um herói angolano, suponho, suponho, naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca. Se quiser ainda lhe posso arranjar outro avô. Consigo documentos provando que você descende do próprio Mutu Ya Kevela, de N’Gola Quiluanje, até mesmo da Rainha Ginga. Prefere?
- Não, não, fico com o brasileiro. O gajo era rico?
- Muito rico. Era primo de Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro... (AGUALUSA, 2004, p. 120).

Talvez o elemento mais estranho do livro seja o narrador, que se configura no corpo de uma espécie de lagartixa (ou osga, forma mais comum entre os angolanos e os portugueses) chamado Eulálio. Aliás, vale lembrar que osgas e albinos são personagens recorrentes nas narrativas de Agualusa. O fato é que o animal sonha, há um total de seis sonhos descritos na narrativa e, nessas viagens oníricas a osga ouve as vozes de seu passado que emergem como espectros, para recontar sua vida anterior de quando pertencia ao mundo dos humanos.

No espaço fantasmagórico dos sonhos, há uma aparente realidade que engana os sentidos, um cenário perturbador em que fragmentos oníricos, de memórias e de ficção articulam-se em favor dos

relatos e das experiências vividas. E nesta seara abstrata encontramos os elementos indissociáveis de uma visão da Modernidade como o lugar privilegiado do uso das máscaras, da presença de simulacros e espelhos, o que vem a potencializar uma realidade inquietante.

Jentsch, citado por Freud no texto “O estranho”, escreve que “ao contar uma história, um dos recursos mais bem-sucedidos para criar facilmente efeitos de estranheza é deixar o leitor na incerteza de que uma determinada figura na história é um ser humano ou um autômato...” (FREUD, 1976, p. 4). Mesmo não sendo a osga um autômato, o estranhamento ainda se configura, pois o animal ri, sonha, filosofa, faz observações, enfim se comporta como um ser humano.

O fato de a osga ocupar um espaço privilegiado – fixada às paredes ou ao teto, vendo o mundo de cabeça para baixo ou de costas – permite-lhe um ponto de vista distanciado, mais objetivo. No entanto, não deixa de estar implicada na narrativa, vendo tudo sem ser vista e, além da relação com Félix Ventura, a osga desenvolve uma ligação de quase “simbiose” com a casa – que se torna uma extensão de seu pequeno corpo e grande testemunha das histórias passadas ali.

Por sua vez, a casa de Félix é descrita como um ser que respira, com coração pulsante e possui um calor uterino, úmido e quente que, se não gera a vida, pelo menos propicia a vida; é a representação do lugar seguro (e ao mesmo tempo estranho) já que possui lugares onde o próprio dono não costuma explorar: “A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar [...] O corredor é um túnel fundo, úmido e escuro...” (AGUALUSA, 2004, p. 9). É o lugar onde a vida acontece em meio ao caos angolano.

Assim, nesse jogo de ambivalências segue a história. Histórias feitas de sonhos. Memórias construídas de areia. Literatura para compreender ou para começar a compreender a história ou resgatar memórias.

Considerações Finais

Um barco cheio de vozes. (AGUALUSA, 2004).

A epígrafe supracitada é um dos subtítulos apresentados no romance e faz referência à casa do personagem Félix e seus inúmeros livros. Neste momento, o personagem conclui que, embora esteja vazia, a casa se parece com um “velho barco” – antes dinâmico e vivo – e agora ecoando o vazio.

Em um misto de ficção e realidade, José Eduardo Agualusa incita uma revisão do passado de cada indivíduo, a começar pelo do personagem principal, Félix Ventura, um sujeito que desconhece seu passado real e, talvez por isso, compense esse fato criando passados para os outros.

Angola aparece aqui representada pela casa “viva”, as vozes que nela vociferam são como ecos de um passado que não deve ser esquecido, mas constantemente revolvido. Pode-se dizer José Eduardo Agualusa não escreve como forma de protesto, mas seu trabalho reflete experiências de vidas. A essência do seu trabalho promove uma reavaliação histórica estabelecida pelo jogo de lembrança e esquecimento, deixando nos ouvir para além do silêncio das ruínas.

No fundo, toda fonte, seja literária ou não, representa a opinião daquele que narra os fatos. Mesmo um documento oficial narrando certos acontecimentos, a despeito de sua linguagem técnica, necessariamente foi redigido por um indivíduo que, sendo humano, não se furta de transmitir suas impressões pessoais.

Nada que é humano está isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo. Entretanto, em *O vendedor de passados* Agualusa leva o leitor a observar mais que um discurso literário metaficcional (HUTCHEON, 1991), há ainda questionamentos acerca da identidade nacional e de sua construção, assim como o despertar da memória e sua relação com a história. Porque é exatamente pela ironia e humor que se escondem as verdadeiras intenções que levam a profundas reflexões.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus. 2004.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COETZEE, J.M. O romance na África. In.: Elizabeth Costello: *Oito palestras*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras. 2004, p. 43-67.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DURÕES, Pedro. É preciso mudar o presente, José Eduardo Agualusa. Entrevista, Setembro de 2009. Disponível em < <http://www.mazungue.com/angola/index.php> >. Acesso em: 12 out. 2018.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

REVISTA ESTANTE. José Eduardo Agualusa: O que não tem de ser escrito, não merece ser escrito. Entrevista concedida a Carolina Morais em maio de 2017. Disponível em: <<http://www.revistaestante.fnac.pt/jose-eduardo-agualusa-o-que-nao-tem-de-ser-escrito-nao-merece-ser-escrito/>>. Acesso em 12 out. 2018.

**NUEVAS IDENTIDADES BAJO VIEJAS MIRADAS:
RECONSTRUYENDO LA HISTORIA EN *EL VENDEDOR DE PASADOS*,
DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

Resumen: Este artículo pretende evaluar cómo la constitución de la identidad angoleña es alegóricamente representada en la novela *El Vendedor de Pasado* del escritor José Eduardo Agualusa. Con una fuerte inclinación al humor, pero sin huir de la seriedad histórica el escritor crea una narrativa calcada en la Historia de Angola y desvela algunas consecuencias del difícil período colonial y la guerra civil no país, Agualusa también toma nota de la dominación cultural, el conflicto político económico y portugués con las tradiciones de la tierra angoleña.

Palabras clave: Memoria; Angola; Cultura.